

O SIGNIFICADO DE UMA EXPEDIÇÃO

A tradição administrativa insular dos séculos XIX e XX - consubstanciada na divisão do arquipélago em três distritos, entre 1836 e 1976, mas igualmente na repartição do poder político por três ilhas, após a institucionalização da autonomia constitucional em 1976 - constitui a motivação e o sustentáculo da tripolaridade da Universidade dos Açores, que se acha repartida por Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta, os centros urbanos de maior significação política. Porém, até o carácter da geografia e o sentido da história convertem a organização tripolar em inevitabilidade e em solução, o mesmo é dizer, em modelo obrigatório e justo, que garante o desenvolvimento regional em harmonia, por facultar a promoção do avanço e a salvaguarda do equilíbrio, contribuindo para a construção do progresso do todo, que é o arquipélago, e para a redução das assimetrias das partes, que são as ilhas.

Nos Açores, a acção universitária contribui para o progresso de todas as ilhas sem excepção. Todavia, mais do que uma universidade tripolar, importa a construção de uma universidade multipolar, isto é, mais do que a defesa da tripolaridade, importa a defesa da multipolaridade, que corresponde à omnipresença. Com efeito, se é certo que o carácter do arquipélago desaconselha a concentração dos serviços numa só ilha, também é certo que não obriga à sua repartição por três ilhas, nem à sua acomodação nos três centros urbanos tradicionais. Aliás, o que mais urge é a aproximação da actividade universitária a mais ilhas e a mais lugares, porque os Açores são o império da diversidade, porque só assim avulta verdadeiramente a utilidade da Universidade, enquanto meio de desenvolvimento regional. A concretização de um tal desiderato não implica a construção de novas infraestruturas, nem o acréscimo de despesas de funcionamento, mas obriga à obtenção do apoio dos poderes locais e à utilização de novas tecnologias, que são conjuntamente agentes indispensáveis da extensão universitária hodierna.

A 11.ª expedição científica do Departamento de Biologia, realizada em 2004 à Graciosa, desempenha um papel fundamental, no propósito de aproximação da Universidade dos Açores a mais ilhas e a mais lugares. Além disso, fruto do dinamismo do Doutor João Tavares, corresponde à retoma de uma tradição louvável, que se iniciou em 1977, com uma ida ao Pico, que se interrompeu em 1997, depois de uma viagem à Madeira, mas que conheceu uma época de ocorrência contínua entre 1988 e 1994, com incursões na Graciosa, Flores, Santa Maria, Formigas, Pico, S. Jorge, Faial e Terceira. Quer isto dizer que, após sete anos de suspensão, se recuperou uma prática meritória, que oxalá reconquiste a regularidade. Quer isto dizer que, após dezasseis anos de ausência, acontece o regresso à Graciosa que, na aceção científica, constitui uma oportunidade de reanálise e de comparação.

Nesta expedição, cumprimos a Universidade, que estatutariamente possui por incumbência o ensino, a investigação e a extensão cultural, todas elas missões atinentes à elevação dos níveis educativo, científico, técnico e cultural da Região Autónoma dos Açores. Claro que não fizemos ensino convencional, sendo essa a nossa principal obrigação, dado o dever de formação das novas gerações. Mas convém, entretanto, não esquecer que houve estudantes que necessariamente aprenderam, que houve ex-estudantes que necessariamente reaprenderam. Claro que também não fizemos investigação fundamental. Como diz o Doutor Frias Martins, as expedições do Departamento de Biologia são "... romagens de ciência em divertimento e de diversão cientifizada". No entanto, sempre desenvolvemos práticas de investigação, sendo toda a pesquisa universitária o melhor meio de desenvolvimento da ciência e a melhor garantia da qualidade do ensino. Além disso, fizemos inequivocamente extensão cultural e científica, inclusivamente por intermédio das conferências de divulgação então proferidas. É precisamente a extensão cultural e científica que ressalta a utilidade pública das instituições e que estimula o diálogo profícuo com a sociedade. Por isso, é o melhor meio de reconhecimento da indispensabilidade da Universidade na promoção da cultura e do desenvolvimento dos Açores.

Nesta expedição, cumprimos a Universidade, porque fixamos em texto os resultados, contribuindo para o acréscimo e para a transmissão do saber. Tais resultados proclamam que as ilhas dos Açores são um território muito especial, que exige que em cada dia se faça a harmonização entre o

desenvolvimento da economia e a protecção do ambiente. Por isso, importa que, no rescaldo desta expedição, se lembre que o desrespeito pela Natureza, traduzido na sobreexploração dos seus recursos, constitui a hipoteca do nosso futuro.

Nesta iniciativa do Departamento de Biologia, registamos a cooperação de estudiosos e de técnicos de instituições culturais e universitárias regionais, nacionais e internacionais e a participação dos nossos estudantes. É uma prova de que a dinâmica da globalização universaliza a acção do saber, mesmo quando ele se reporta à dimensão de um qualquer lugar, por exemplo, à Graciosa. É uma prova de que os estudantes são sempre o centro do sistema de Ensino Superior e, por conseguinte, a justificação da Universidade.

Antes de terminar é tempo de enaltecer a acção do Departamento de Biologia, pela projecção que confere à Universidade, cuja essência é a universalidade, e o apoio das instituições graciosenses, particularmente da Câmara Municipal de Santa Cruz, uma prova de que reconhecem no incentivo do conhecimento a via do desenvolvimento.

A terminar, é também tempo de aqui deixar um registo de gratidão em memória do Doutor José Guilherme Campos Fernandes (Farrica). No passado, foi um entusiasta destas expedições do seu Departamento de Biologia. No presente, já não teve o gosto de participar na retoma de tais jornadas. No futuro, o seu exemplo constituirá mais uma motivação para que esta prática jamais se interrompa.

Ponta Delgada, Carnaval de 2005.

AVELINO DE FREITAS DE MENESES

Reitor da Universidade dos Açores